



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol 18, Núm 3, novembro, 2025, pág. 328-346

Ideações e tentativas de suicídio entre homens trans e pessoas transmasculinas: uma compreensão fenomenológica

Suicidal ideation and attempts among trans men and transmasculine individuals: a phenomenological understanding

Luziane Vitoriano da Costa¹
Ewerton Helder Bentes de Castro²

RESUMO

Este estudo objetivou compreender as vivências de ideação e tentativa de suicídio entre homens trans e pessoas transmasculinas à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Adotou-se o método fenomenológico de investigação em psicologia proposto por Amedeo Giorgi para analisar as experiências vividas por nove participantes com histórico de ideação e/ou tentativa de suicídio. Os resultados revelaram que a inserção dos sujeitos no mundo, em seu caráter intersubjetivo, pode configurar-se como presença e (auto)cuidado ou como invasão e desapropriação de si. Concluiu-se que o olhar do outro afeta radicalmente o modo de ser-no-mundo e a experiência corporal dos participantes. Por outro lado, o cuidado presente nas relações de apoio social evidenciado nas narrativas possibilita o desenvolvimento da potencialidade cuidadora do sujeito, expressa no autocuidado.

Palavras-chave: Ideação Suicida; Tentativa de Suicídio; Homens Trans; Pessoas Transmasculinas; Fenomenologia.

ABSTRACT

¹ Mestra em Psicologia – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Docente da Universidade Nilton Lins (UNINILTONLINS). E-mail: luziane.costa@gmail.com. País. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8374-9206>

² Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Mestre em Educação pelo Programa em Pós-graduação em Educação – PPGE/UFAM. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação em Psicologia/FAPSI/UFAM. Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto Plantão Psicológico em escola do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>



This study aimed to understand the lived experiences of suicidal ideation and suicide attempts among trans men and transmasculine individuals through the lens of Maurice Merleau-Ponty's phenomenology. The phenomenological method of psychological research developed by Amedeo Giorgi was employed to analyze the accounts of nine participants who reported a history of suicidal ideation and/or suicide attempts. Findings revealed that participants' insertion into the world, through its intersubjective dimension, can manifest either as presence and (self-)care or as invasion and self-alienation. It was concluded that the gaze of the other profoundly shapes participants' ways of being-in-the-world and their bodily experience. Conversely, care within supportive social relationships, as expressed in their narratives, fosters the development of the subject's caring potential, which is ultimately manifested in self-care.

Keywords: Suicidal Ideation; Suicide Attempt; Trans men; Transmasculinities; Phenomenology.

A morte por suicídio de Paulo Vaz, conhecido carinhosamente como Popo Vaz, em março de 2022, foi amplamente noticiada pela imprensa (Nexo Jornal, 2022) e destacada em relatórios sobre violência contra pessoas trans (Benevides, 2023), mobilizou a comunidade trans em torno das condições de vulnerabilidade enfrentadas por essa população.

As notícias sobre sua morte viralizaram nas redes sociais. Inicialmente, as indagações eram direcionadas às causas do falecimento. Contudo, após a confirmação do suicídio foi exposta, o tom dos comentários tornou-se sombrio. Muitas pessoas passaram a destilar comentários transfóbicos e culpar seu companheiro pelo seu autoextermínio. A morte de Popo gerou comoção e mobilizou a comunidade trans em torno dos fatores desencadeantes do suicídio, sobretudo a violência simbólica e os discursos de ódio nas redes sociais (Benevides, 2023).

Esse não é um caso isolado. Dados epidemiológicos evidenciam a gravidade do problema do suicídio como problema de saúde pública no Brasil, com impacto desproporcional sobre as populações vulneráveis. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2021), estima-se que no mundo, mais de 700 mil pessoas morrem por suicídio anualmente. No Brasil, de acordo com o Boletim Epidemiológico de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Mortalidade por Suicídio e Notificações de Lesões Autoprovocadas no Brasil (Ministério da Saúde, 2021), registraram-se 112.230 mortes por suicídio entre os anos 2010 e 2019, das quais 13.523 mortes ocorreram em 2019, contabilizando um aumento de 43% em relação ao início da década.

O boletim aponta ainda que todas as regiões apresentaram crescimento no risco de morte por suicídio, com taxas mais elevadas nas regiões Sul e Centro-Oeste. Grupos em situação de maior vulnerabilidade incluem pessoas em situação de rua, migrantes e refugiados, pessoas indígenas e pessoas LGBTQIAPN+.

No estado do Amazonas, a situação também é alarmante. Orellana (2022) relata a sua preocupação com o aumento concomitante de mortes por suicídio e homicídio. Segundo o epidemiologista, a história de abandono, negligência e impunidade agravado pela pandemia da COVID-19 intensificou problemas sociais, como desemprego, pobreza extrema e desesperança. Os dados mostram que a mortalidade por suicídio no Amazonas foi 33,5% maior no triênio de 2019 a 2021 (859 mortes) em comparação com o período 2016 a 2018 (634 mortes).

Em relação às pessoas transgênero, estudos indicam que esse grupo enfrenta riscos significativamente elevados de ideação e tentativa de suicídio (Chinazzo *et al.*, 2021; Zwickl *et al.*, 2021), revelam que esse grupo é considerado vulnerável pelas altas taxas de ideação suicida e tentativa de suicídio. McDowell *et al.* (2019), em pesquisa com pessoas transmasculinas nos Estados Unidos, identificaram como fatores de risco para a saúde o desemprego, baixa renda, escolaridade limitada, discriminação cotidiana e exposição à violência.

Diante desse panorama, o presente estudo foi desenvolvido com base qualitativa, utilizando o Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia, proposto por Giorgi (2010). Esse método busca, na medida do possível, obter descrições ricas e detalhadas das experiências vividas pelos participantes, bem como os sentidos que eles atribuem ao fenômeno estudado.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Com isso, este estudo tem como objetivo compreender as vivências de ideações e tentativas de suicídio a partir dos relatos de pessoas que se autoidentificam nas transmasculinidades, à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica, cujo objetivo foi compreender as vivências de ideações e tentativas de suicídio entre homens trans e pessoas transmasculinas. Adotou-se o Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia proposto por Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010), que busca apreender a estrutura essencial da experiência vivida a partir das descrições espontâneas dos participantes.

O método compõe-se de quatro passos analíticos sequenciais:

- Leitura imersiva do todo: compreensão global das narrativas mediante leitura repetida das transcrições, mantendo-se em atitude de redução fenomenológica (suspensão de pressupostos teóricos prévios);
- Identificação das unidades de significado: segmentação dos relatos em partes que expressam um momento de relevância psicológica para o fenômeno investigado;
- Transformação em expressões psicológicas: conversão da linguagem do senso comum em descrições que evidenciam a dimensão existencial da vivência;
- Síntese da estrutura geral: elaboração de categorias temáticas que expressam a essência do fenômeno, articulando as unidades de significado em uma configuração coerente e significativa (Giorgi & Sousa, 2010; Pereira & Castro, 2019).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas fenomenológicas individuais, audiogravadas, com a questão norteadora: “Como foi para você considerar a morte como possibilidade?” Essa abordagem permite acessar a experiência em sua dimensão narrativa e afetiva, respeitando a singularidade das pessoas (Moreira, Lopes, & Santos, 2013).

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (Parecer nº 5.394.847; CAAE nº 57719522.1.0000.5020), em



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

concordância com as Resoluções CNS 466/2012 e 510/2016. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorizaram a gravação das entrevistas e o uso de pseudônimos.

Os convites foram divulgados por redes sociais, e os contatos subsequentes ocorreram por e-mail e WhatsApp, respeitando a disponibilidade dos colaboradores. As entrevistas foram conduzidas virtualmente entre maio e junho de 2022.

Participaram do estudo nove pessoas autoidentificadas nas transmasculinidades, todas com histórico de ideação e/ou tentativa de suicídio. A amostra incluiu: sete homens trans, uma pessoa transmasculina não binária e uma pessoa transmasculina que, embora se identifique como tal, prefere utilizar a categoria “homem trans” por questões de visibilidade social (“fica mais fácil para as pessoas cis entenderem”).

As idades variaram entre 20 e 32 anos. Quanto à autodeclaração étnico-racial, três participantes se identificaram como brancos, quatro como pardos e dois como pretos. Em termos socioeconômicos, quatro não tinham renda fixa (dois residiam com familiares, um atuava na área artística e um considerou a prostituição como estratégia de sobrevivência), três recebiam até um salário-mínimo e dois tinham renda entre um e três salários-mínimos.

Para preservar o anonimato, os participantes escolheram nomes fictícios inspirados em espécies de lepidópteros (borboletas e mariposas), simbolizando metaforicamente o processo de transformação.

ANÁLISES E RESULTADOS

A pesquisa teve como ênfase a compreensão dos caminhos percorridos pelos participantes no horizonte das ideações e tentativas de suicídio. O objetivo não foi adotar uma perspectiva reducionista, homogeneizante ou patologizante de suas vivências, tampouco estabelecer relações de causalidade entre essas experiências e o comportamento suicida. Reconhecemos, ao contrário, que se trata de um fenômeno complexo, multideterminado e profundamente singular, em que cada existência se constitui de modo irrepetível.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Assim, as análises e resultados seguiram, metodologicamente, os pressupostos da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Foram realizadas leituras descritivas dos relatos obtidos durante a pesquisa de campo, com categorização sistemática dos significados emergentes e reprodução literal de excertos das narrativas dos participantes. Em seguida, esses dados foram interpretados à luz dos principais conceitos do referencial teórico adotado.

Com base no Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010) e nas orientações de Pereira e Castro (2019), foram elaboradas três categorias temáticas, apresentadas a seguir:

- Percepções e sentidos no horizonte das experiências de ideações e tentativas de suicídio;
- O outro se faz presença, mostra-se continente: o apoio social;
- Me compreendo possibilidade, perspectiva, vida, ação!

Percepções e sentidos no horizonte das experiências de ideações e tentativas de suicídio

Durante os encontros virtuais, os participantes responderam à questão norteadora: “Como foi para você considerar a morte como possibilidade?”. Isso os possibilitou rememorar, sentir e narrar livremente suas vivências relacionadas às ideações e tentativas de suicídio. Suas narrativas revelam um entrelaçamento íntimo entre o corpo, o outro e o mundo, evidenciando como a transfobia familiar, social e institucional atua como apagamento das existências.

Arawacus aethesa descreveu ter vivenciado três ou quatro tentativas de suicídio ao longo da vida. Sua primeira experiência ocorreu entre os 10 e 11 anos de idade, quando tentou se enforcar, sem recordar claramente os motivos:

“Eu não sei muito bem o que me levou a fazer isso. Eu acho que foi mais por impulso. Foi um desconforto, muita coisa acontecendo. E quando eu vi, eu já estava no hospital” (Arawacus aethesa, maio/2022).

Posteriormente, diante da descoberta de sua identidade trans pela mãe, que reagiu com violência, arrastando-o pelos cabelos e ameaçando se jogar na frente de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

um carro, Arawacus recorreu à superdosagem medicamentosa. A narrativa que se segue expressa a intensidade do conflito ao ter se deparado com a rejeição familiar:

“Eu fiquei com muita raiva de mim por ser assim [...] Acabou que eu só tive caganeira. Foi algo meio cômico. Olhando agora é cômico, mas na época foi muito frustrante” (Arawacus aethesa, maio/2022).

Essa aparente ironia retrospectiva não minimiza a gravidade da experiência, mas revela um processo em que o participante revisita o sofrimento, Arawacus aethesa busca redimensionar o momento de profunda desesperança. Como argumentam Rocha, Boris e Moreira (2012), à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty, o comportamento suicida não é mero ato patológico, mas uma resposta existencial diante da percepção de não pertencimento ao mundo. Luz e Castro (2018) corroboram essa visão ao destacar que as configurações relacionais familiares são um dos fatores mais proeminentes na gênese do ato suicida.

Para Merleau-Ponty (2019), a noção de carne amplia a compreensão do corpo para além da materialidade: trata-se de um corpo que sente, que é visto, que se relaciona, um corpo que habita o mundo intersubjetivamente. A violência vivida por Arawacus não se limitou ao corpo físico, mas atingiu sua encarnação como homem trans, gerando uma desapropriação radical de si mesmo. Quando a mãe nega sua identidade e ameaça o vínculo afetivo mais fundamental, o corpo deixa de ser um lugar de pertença para tornar-se território de invasão, um espaço onde o sujeito é constantemente transgredido.

Essa dinâmica também aparece nas narrativas de outros participantes. Hamadryas amphinome relata que sua primeira ideação suicida surgiu aos 12 anos, após menstruar na escola e perceber que seu corpo seguiria um caminho que contradizia sua identidade:

“Pra mim foi a gota d’água, porque eu vi que meu corpo ia mudar e era o contrário do que eu esperava [...] Eu disse: não, não quero isso, e eu não vou suportar viver uma vida que eu não vou poder ser eu” (Hamadryas amphinome, maio/2022).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Greta oto descreve a superdosagem como tentativa de anular um fardo emocional inadmissível:

“Eu só penso que pode vir pior e ficar muito maior e eu não consigo. Então uma forma de eu anular aquilo [...] é eu não estando lá. Preciso morrer porque eu não aguento e não vou aguentar mais” (Greta oto, junho/2022).

Já Phengaris alcon vivenciou tentativas de autodestruição impulsionadas pela transfobia familiar, especialmente pelas falas da avó, que insistia em negar seu gênero e usar seu nome morto:

“Eu sentia ódio de mim, raiva do meu corpo, da minha aparência [...] pensava em pegar uma faca e me cortar o peito, me cortar o rosto, porque não era o rosto que eu queria” (Phengaris alcon, maio/2022).

Esses relatos evidenciam a invasão do corpo próprio pelo olhar do outro, uma violência que desfaz a unidade entre “corpo que sou” e “corpo que tenho” (Merleau-Ponty, 2018). O corpo deixa de ser expressão de si para tornar-se alvo de rejeição, gerando uma fragmentação existencial em que o sujeito se vê como “aberração, como algo que não deveria existir”, como relatado por Attacus atlas (junho/2022).

A incompletude constitutiva do corpo revela-se como uma dimensão ontológica fundamental: o sujeito não se esgota em sua carne, mas é atravessado por uma lacuna originária que o impulsiona a buscar-se no outro e no mundo. Nesse sentido, Merleau-Ponty (1961) questiona: “Por que construímos espelhos? Para nos ver, para converter o vidente em visível, para completar nosso corpo” (citado em Saint Aubert, 2012, p. 25). O espelho não é, portanto, mero reflexo passivo, mas fenômeno de carne, uma extensão da relação que mantemos com nosso próprio corpo, capaz de “levar para fora os segredos da carne” e de forrar o outro com “todo o invisível de meu corpo” (Saint Aubert, 2012, p. 12).

Esse movimento de projeção do dentro no fora, de sentir a pressão do charuto não apenas na mão real, mas também na mão espelhada, evidencia que a carne vive simultaneamente aqui e lá, em si e fora de si. A incompletude não é falta a ser suprimida, mas condição de abertura ao mundo e ao outro. Assim, o sujeito que



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

vivência a negação de sua identidade é afetado em sua estrutura mais íntima: quando o espelho, metáfora do olhar social, devolve apenas desfiguração, o corpo deixa de ser lugar de pertencimento para tornar-se território de alienação.

Contudo, mesmo nesses momentos de radical abandono, os participantes expressam uma ambivalência existencial. A tentativa de Arawacus de “queimar arquivos” antes do suicídio, entregando pertences simbólicos a um amigo, revela um último gesto de conexão com o mundo, uma tentativa de permanecer presente, mesmo na ausência. Essa tensão entre ruptura e vínculo será a base para o movimento de transcendência que se desdobra nas categorias seguintes.

O outro se faz presença, mostra-se continente: o apoio social

Compreender as reminiscências a seguir permite resgatar, na perspectiva merleau-pontyana, o constructo mundo da vida, uma vez que seu pensamento considera que é a experiência vivida do ser humano que origina e sustenta todas as explicações posteriores. De acordo com Ferreira e Castro (2017), para alcançar o sentido do mundo, não se pode prescindir da subjetividade plenificada de ser e tempo, nem ignorar a reflexão como um acontecer, haja vista que sua manifestação é criação: o mundo é dado ao sujeito porque o sujeito é dado a si mesmo.

Após a descrição dos diversos momentos em que os participantes trouxeram suas percepções e sentidos no horizonte das experiências de ideações e tentativas de suicídio, situações nas quais consideraram a morte como possibilidade, chega-se ao instante em que decidem não mais colocar em prática a sua decisão de pôr o fim à vida. Como se perceberá a seguir, é no encontro com o Outro que o sujeito se constitui mais plenamente e se reconhece como possibilidade.

[...] E foi exatamente isso que o meu irmão fez. Ele veio ao meu quarto; minha porta estava trancada. Ele bateu, ficou lá pedindo, implorando para eu atender. Aí eu abri a porta e a gente sentou. Ele me convenceu a não fazer aquilo [...] ter essa aproximação com ele transformou um pouco a nossa relação. Percebi então que talvez aquela não fosse a melhor solução para mim, que eu não estava perdido, como achava. Vi que poderia construir relações mais profundas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

com as pessoas ao meu redor — meus pais, meu irmão, talvez até aquele outro irmão que nunca mais vi, e com outras pessoas, novos amigos, tomando consciência de que eu tenho um valor importante no convívio humano. Fui desconstruindo essa ideia até hoje. (Attacus atlas, junho/2022).

E, no meio disso, lembro que, durante aquela tentativa de suicídio, a coordenadora me disse que eu estava tentando arrancar a pele do meu corpo e repetia que odiava aquele corpo. Aí comecei a rememorar algumas situações que, aos poucos, me ajudaram a compreender minha identidade [...] tenho uma rede de apoio maior do que tinha antes [...] acho que a comunidade *Ballroom* foi essencial para mim, assim como foi para minha namorada. Muitas pessoas na comunidade falam isso. Quando começamos a conhecer pessoas da periferia, pessoas pobres, sem casa, às vezes expulsas de casa, que moram em abrigos, pessoas dissidentes em geral, e até outras em diferentes posições sociais, que têm condições, mas também são dissidentes e estão lá, isso tudo faz diferença. (Caligo beltrao, maio/2022).

[...] Eu falei: “Estou na passarela do shopping”. Ela respondeu: “Você não vai fazer isso, né?”. Eu disse: “Vou, porque não aguento mais”. E ela conseguiu me tranquilizar, conseguiu colocar na minha cabeça que, naquele momento, o fato de eu me entender como homem trans não apagava meu passado. Ela entendeu que eu era Phengarisalcon, mas me fez ver que não podia negar minha outra existência, pois foi por meio dela que Phengarisalcon precisava se fortalecer. Então, ela me deu palavras de conforto, de acalento. (Phengarisalcon, maio/2022).

Meu irmão, que tem 19 anos, foi uma das principais pessoas que me encorajou a dar início [à transição]. Ele disse: “Cara, por que você não começa logo? É isso que você quer? Vai lá, começa, para ver os seus resultados, as suas características”. [...] Minha tia também foi fundamental, ela assumiu um papel paterno na minha vida. Ela perguntou: “É isso que você quer?”. Pesquisou para



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

entender o que era ser trans. Disse: “Olha, inclusive, ela já chegou”. Eu respondi: “Ela vai ouvir, se a pessoa chegar”. (Greta oto, junho/2022).

O olhar do outro conjuga-se ao meu e me possibilita ir além da situação vivida. Ele me mostra que não sou apenas objeto, mas sujeito considerado, restabelecendo o equilíbrio dialético entre mim mesmo e o outro (Merleau-Ponty, 2009). O corpo do outro é presença, (co)partilha, e me possibilita compreender o sentido de ser quem sou. Ele me sustenta nas dificuldades inerentes às minhas experiências e me lança a reflexões sobre minha trajetória, afinal:

[...] não há para mim atividade ou presença de outrem; de minha parte, há a experiência de uma passividade e de uma alienação que reconheço dizerem-me respeito, já que, não sendo nada, tenho que ser a minha situação [...]. Sou extraído de mim mesmo pelo olhar do outro, mas seu poder sobre mim mede-se exatamente pelo consentimento que dei a meu corpo, à minha situação. (Merleau-Ponty, 2009, p. 75)

Retoma-se, assim, a leitura fenomenológica da ambiguidade merleau-pontyana, segundo a qual o gesto é relação de cuidado, um modo de estar com o sujeito no mundo, de estar disponível para o diálogo, como na fala: “Você não vai fazer isso, né? [...] Vou, porque não aguento mais. E aí ela conseguiu me tranquilizar”. Cuidar implica sustentação, reconhecimento, presença. A relação intersubjetiva vivenciada junto ao apoio social presente nas narrativas dos participantes permite compreender que, nessas relações, desenvolve-se a potencialidade cuidadora do sujeito, sendo uma das dimensões do cuidado, expressa no autocuidado. Trata-se de uma epifania: o olhar sobre si mesmo é redimensionado a partir do outro, e os sujeitos se compreendem como devir, como possibilidade.

Esses achados dialogam diretamente com os estudos epidemiológicos de Corrêa *et al.* (2020) e a revisão de escopo de Gomes *et al.* (2022), que identificam o apoio familiar, o uso do nome social, a pertença comunitária e o acesso a redes afirmativas como fatores protetivos robustos contra o comportamento suicida em populações trans. Enquanto os dados quantitativos revelam que e quanto, as



narrativas aqui apresentadas revelam como e o que isso significa: o outro, quando se faz presença cuidadora, não apenas impede a morte, mas restitui a condição de existência.

Me compreendo possibilidade, perspectiva, vida, ação!

“Não tenho um corpo: sou um corpo”. Reafirma-se, aqui, o constructo de corpo em Merleau-Ponty (2018), para quem o corpo não é um objeto entre outros, mas o veículo do ser-no-mundo, situado historicamente no tempo e no espaço. É por meio do corpo que o sujeito percebe, age e se relaciona; ele é a fonte da sensibilidade e o ponto de união entre o homem e o mundo. Nos relatos dos participantes, observa-se um movimento de afastamento do corpo-objeto, aquele que é mensurado, observado, patologizado, em direção ao corpo-sujeito, capaz de experienciar a si mesmo, ao outro e ao mundo em sua incompletude existencial.

Hamadryas amphinome expressa esse processo como um reencontro consigo mesmo:

“Eu percebo assim que eu me apaixonei por mim, sabe? Hoje, eu me admiro. Eu desconstruí tantas coisas dentro de mim. Eu me gosto muito. Aprendi a respeitar minha história, a gostar de cada parte do meu processo. Hoje, eu não quero morrer — não tenho mais vontade de morrer. Pelo contrário, tenho vontade de fazer muitas coisas que sempre quis fazer, e agora posso, porque ser trans é passar por um processo de transição, principalmente físico, e transcender muitas coisas. Então, acho que a gente precisa existir.”
(Hamadryas amphinome, maio/2022)

Attacus atlas descreve um retorno à vitalidade por meio de pequenos gestos cotidianos, ancorado na fé em si mesmo:

“Recentemente, consegui sentir de novo aquele gosto pela vida e a vontade de viver. Foi quando decidi dar passos pequenos a cada dia, não só na transição, mas em tudo. Acho que não há nada melhor do que se sentir uma pessoa. A partir do momento em que você se sente assim, sente que é merecedor de existir, de respeito, de carinho, de afeto. Você merece andar um passo adiante.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Você tem fé em si mesmo, e é isso que nos faz avançar. Precisamos ter fé que vamos conseguir dar aquele passo.” (Attacus atlas, junho/2022)

Caligo beltrao relata o impacto do reconhecimento de si no espelho, vinculado à autoconfiança e à validação de saberes não acadêmicos:

“Ao longo da minha transição, quando comecei a me reconhecer no espelho, isso ajudou muito. Mas acho que estive ligado à minha autoconfiança, à sensação de que todo o conhecimento que acumulei ao longo da vida era válido. Entendi que a academia não era a única forma de ser adulto, de ter reconhecimento e de ser positivo.” (Caligo beltrao, maio/2022)

Danaus plexippus articula essa transformação como um projeto existencial:

“Por tudo que passei, acho muito importante termos um olhar para dentro, procurar ser quem realmente somos. Porque, no fim, é isso: a gente é a nossa própria possibilidade.” (Danaus plexippus, maio/2022)

Phengaris alcon, por sua vez, afirma sua identidade de gênero independentemente de intervenções médicas ou ratificação legal:

“Hoje, eu amo meu corpo, amo minha aparência, não porque cortei o cabelo, mas porque, mesmo sem barba, sem bigode, eu sou homem. Muitos homens trans falam: ‘Quero barba, quero parecer um homem’. Mas eu sou homem do jeito que sou. Mesmo sem ter ratificado meu nome, sem acompanhamento médico ou tratamento hormonal, eu ainda seria um homem. Sou um homem que tem peito, que tem vagina.” (Phengaris alcon, maio/2022)

Esses relatos evidenciam o que Merleau-Ponty (2018) denomina ser em situação: uma existência que não é dada de antemão, mas construída na tensão entre liberdade e historicidade. Ao subtrair-se da generalidade da cisgeneridade, os participantes atribuem uma dimensão pessoal à sua existência e a transformam (Dupond, 2010).

O verbo transcender, evocado por Hamadryas amphinome: “você transcender muitas coisas”, encontra ressonância na fenomenologia merleau-pontyana. Transcender não significa fugir do mundo, mas abrir-se a ele, assumir a ek-stase, o



“estar-fora-de-si”, que define a condição humana (Dupond, 2010). Trata-se do movimento pelo qual o sujeito se lança para além de si, em direção ao outro e ao mundo, sem dissolver sua singularidade.

Essa transcendência também se manifesta como produtividade existencial:

“Tudo aquilo que somos, nós o somos sobre a base de uma situação de fato que fazemos nossa e que transformamos sem cessar por uma espécie de regulação que nunca é uma liberdade incondicionada” (Merleau-Ponty, 2018, p. 236).

Attacus atlas escreve sua própria história, contestando a “verdade universal” da norma binária e consagrando-se como corpo-fenomenal, pessoa que se reconhece digno de existir, de ter sua história contada e de dar forma à própria vida.

Merleau-Ponty (2018) reforça que:

“A verdade não ‘habita’ apenas o ‘homem interior’, ou, antes, não existe homem interior: o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo” (p. 6).

Nesse sentido, o espelho assume um papel crucial. Para Merleau-Ponty, “a carne é fenômeno do espelho, e o espelho é extensão de minha relação com meu corpo” (citado em Saint Aubert, 2012, p. 12). Ele embaralha corpo objetivo e corpo fenomenal, revelando que a carne “vive ao mesmo tempo aqui e lá, dentro e fora de si mesma”, mas necessita de outra carne para existir. O espelho, portanto, exprime o inacabamento essencial da carne, que se constitui na intercorporeidade.

É nesse movimento de reconhecimento no espelho que Danaus plexippus e Phengaris alcon afirmam seu corpo fenomenal como fonte absoluta de existência. Suas experiências não derivam apenas de antecedentes sociais ou biológicos, mas de uma escolha ativa de ser:

“Pois sou eu quem faz ser para mim (...) essa tradição que escolho retomar, ou este horizonte cuja distância em relação a mim desmoronaria, visto que ela não



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

lhe pertence como uma propriedade, se ele não estivesse lá para percorrê-la com o olhar” (Merleau-Ponty, 2018, pp. 3–4).

Assim, a possibilidade de vida emerge não como dado, mas como ação, como perspectiva aberta pelo próprio sujeito, afirmando-se, enfim, como devir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências de ideações e tentativas de suicídio entre homens trans e pessoas transmasculinas não se revelam como meros episódios isolados de sofrimento psíquico, mas como expressões existenciais profundamente enraizadas na relação entre corpo, o outro e o mundo. Os relatos analisados evidenciam que a negação sistemática da identidade de gênero, sendo mais recorrente por parte da família, da escola e das instituições de “ditas” de cuidado, são compreendidas como uma invasão radical do corpo próprio, fragilizando a unidade entre “ser” e “ter” um corpo. Nesse contexto, o corpo se coisifica e tornar-se território de estranhamento, onde o sujeito se percebe não pertencente, não-humano, como indesejado.

Essa experiência de desapropriação existencial encontra eco nos dados epidemiológicos mais recentes, que apontam taxas alarmantes de ideação e tentativa de suicídio nessa população. Contudo, os números, por si só, não revelam a qualidade da dor que os produz. É na escuta das narrativas que se percebe como o preconceito, a transfobia e a negação do nome social não apenas ferem, mas desfazem a possibilidade de existir como sujeito. Quando o olhar do outro converte o corpo em erro, o sujeito é lançado em um abismo de não reconhecimento, onde a morte surge não como desejo, mas como possibilidade de lida com um sofrimento que não encontra ressonância.

Entretanto, as mesmas narrativas revelam um outro movimento: o reencontro com a possibilidade de vida por meio do encontro com o outro acolhedor. Sejam irmãos, tias, amigas, parceiras ou profissionais sensíveis, essas figuras aparecem como âncoras existenciais, capazes de restituir ao sujeito o direito de existir. Nesses encontros, o cuidado não se limita à proteção física, mas se manifesta como reconhecimento da identidade, validação da história e confiança na capacidade do



sujeito de construir seu futuro. É nesse contexto que emerge o autocuidado, não como individualismo, mas como continuidade do cuidado recebido, agora vivido como potência própria.

Esse processo de reafirmação da existência é ainda mais significativo diante do paradoxo vivido por muitas pessoas trans: mesmo com maior escolaridade ou inserção social, os riscos psíquicos persistem, indicando que o sofrimento não deriva da falta de recursos, mas da constante negociação com uma sociedade que insiste em negar sua humanidade. Nesse sentido, o comportamento suicida não pode ser reduzido a uma patologia individual, mas deve ser compreendido como resposta legítima a uma violência intersubjetiva crônica: a transfobia.

Por fim, os participantes não apenas sobrevivem: transcendem. Ao afirmarem-se como “homens de peito e sem pau”, ao reconhecerem-se no espelho, ao assumirem-se como possibilidade aberta, eles borram a lógica da cisgeneridade compulsória e reescrevem suas histórias com dignidade. Ser trans, nesse contexto, é um ato político e ontológico: um modo de habitar o mundo que recusa a invisibilidade e afirma, mesmo diante da dor, a abertura existencial.

Assim, compreender o suicídio em populações trans exige mais do que intervenções clínicas: exige transformações sociais, políticas afirmativas e, acima de tudo, sensibilidade e ética para legitimar a existência do outro como sujeito, não como problema a ser resolvido ou consertado, mas como vida a ser celebrada e cuidada.

REFERÊNCIAS

- Benevides, B. G. (2023). *Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022*. Associação de Travestis e Transexuais Brasileiras [ANTRA].
<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>
- Brasil, Ministério da Saúde. (2021). *Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil*. Boletim Epidemiológico. 33. Volume 52
https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf
- Chinazzo, Í. R., Lobato, M. I. R., Nardi, H. C., Koller, S. H., Saadeh, A., & Costa, A. B. (2021). Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação



- suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(suppl 3), 5045–5056. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.28532019>
- Corrêa, F. H. M., Rodrigues, B. B., Mendonça, J. C., & Cruz, L. R. da. (2020). Pensamento suicida entre a população transgênero: um estudo epidemiológico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 69(1), 13–22. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000256>
- Dupond, P. (2010). *Vocabulário de Merleau-Ponty*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Ferreira, C. F.; & Castro, E. H. B. (2017) A fenomenologia de Merleau-Ponty. In: *Fenomenologia e psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. 1 ed. Curitiba: Appris, p. 27 – 32.
- Gomes, H. V., de Jesus, L. A., da Silva, C. P. G., Freire, S. E. de A., & de Araújo, L. F. (2022). Suicídio e população trans: uma revisão de escopo. *Ciências Psicológicas*, 16(1), e-2501. <https://doi.org/10.22235/cp.v16i1.2501>
- Giorgi, A., Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim do Século.
- Luz, O. G. B., & Castro, E. H. B. (2018). O suicídio na concepção de profissionais de saúde: uma análise compreensiva. In: Gutierrez, D. M. D., & Ribeiro, J.H.S. (Org.) *Suicídio: diálogos interdisciplinares*. Manaus: EDUA.
- McDowell, M. J., Hughto, J. M. W., & Reisner, S. L. (2019). Risk and protective factors for mental health morbidity in a community sample of female-to-male trans-masculine adults. *BMC Psychiatry*, 19(1), 16. <https://doi.org/10.1186/s12888-018-2008-0>
- Merleau-Ponty, M. (2019). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da percepção*. 5ª ed. São Paulo: Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2009). *A Natureza: Curso do Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes.
- Moreira, R. D. C. R., Lopes, R. L. M., & Santos, N. D. A. (2013). Entrevista fenomenológica: peculiaridades para la producción científica en enfermería. *Index de Enfermería*, 22(1-2), 107-110. https://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S1132-12962013000100024&script=sci_abstract&tlng=es
- Nexo Jornal. (2022, 15 de março). *Quem foi Paulo Vaz, ativista trans da Polícia Civil paulista*. <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/03/15/quem-foi-paulo-vaz-ativista-trans-da-policia-civil-paulista>
- Orellana, J. (2022). *Aumento de suicídios e homicídios no Amazonas, durante graves crises epidêmicas de Covid-19: uma história de abandono, negligência e impunidade*. <https://amazoniareal.com.br/aumento-de-suicidios-e-homicidios-amazonas/>
- Pereira, D.G., & Castro, E.H.B. de. (2019) Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, E.H.B.de. (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* – 1ª ed. – Appris, p.15-32.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Rocha, M. A. S., Boris, G. D. J. B., & Moreira, V. (2012). A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. *Phenomological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(1), 69–78.
<https://doi.org/10.18065/rag.2012v18n1.9>
- Saint Aubert, E. de. (2012). Carne e espelho em Merleau-Ponty. *DoisPontos: Revista dos Departamentos de Filosofia do Paraná e da Universidade de São Carlos*, 9(1), 11–33. <https://doi.org/10.5380/dp.v9i1.29091>
- Silva, R. V., & Oliveira, W. F. de. (2018). O método fenomenológico nas pesquisas em saúde no Brasil: uma análise de produção científica. *Trabalho, Educação E Saúde*, 16(3), 1421–1441. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00162>
- World Health Organization (2021). *Live life: an implementation guide for suicide prevention in countries*. Geneva: World Health Organization, <https://apps.who.int/iris/handle/10665/341726>
- Zwickl S., Wong, A. F. Q., Dowers, E., Leemaqz, S. Y., Bretherton I., Cook T... & Cheung, A. S. (2021). Factors associated with suicide attempts among Australian transgender adults. *BMC Psychiatry*, 21(1):81.
<https://doi.org/10.1186/s12888-021-03084-7>

Submetido: 23/10/2025

Aprovado: 25/11/2025

Publicado: 31/11/2025

Autores:

Luziane Vitoriano da Costa

Mestra em Psicologia da linha Processos Psicológicos e Saúde do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Docente do curso de Psicologia na Universidade Nilton Lins. Psicóloga Clínica de inspiração Fenomenológico-Existencial. E-mail: luziane.costa@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8374-9206>
País: Brasil

Ewerton Helder Bentes de Castro

Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Mestre em Educação pelo Programa em Pós-graduação em Educação – PPGE/UFAM. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação em Psicologia/FAPSI/UFAM. Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto Plantão Psicológico em escola do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>